



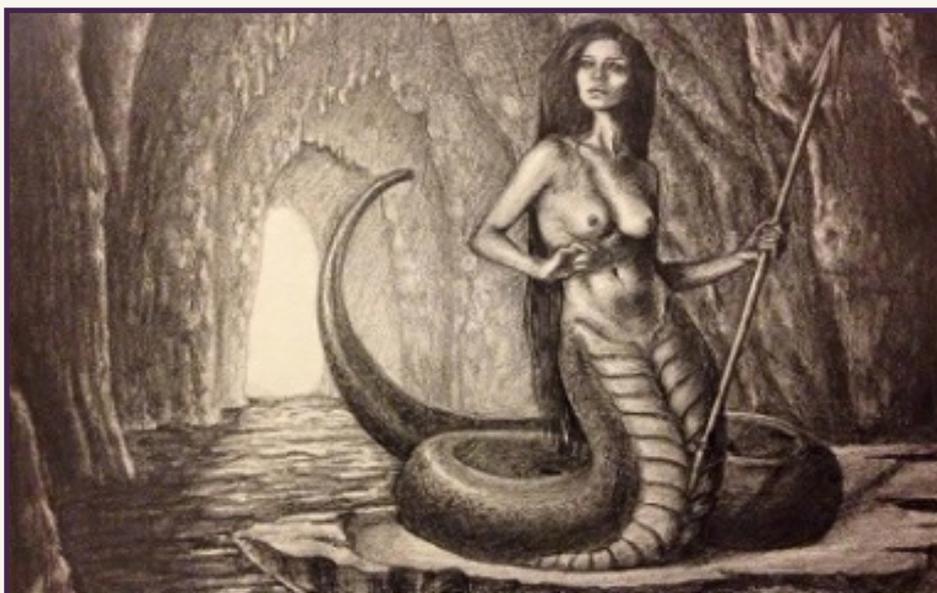
## A Deusa Serpente Lâmia e os ensinamentos da perda

por Nyx

Contam os antigos gregos que, em tempos esquecidos, muito antes do nascimento de seu povo, reinava nos rochosos desertos da Líbia uma mulher chamada Lâmia, filha do deus do mar Poseidon. Poderosa, bela e soberana, Lâmia não carecia de riquezas e honrarias. Seu maior tesouro era, porém, o amor de seus preciosos filhos.

E tudo poderia ter continuado assim, se a grandeza e o brilho intenso de Lâmia não tivessem atraído os olhos de Zeus. Curiosamente, ao contrário do que ocorre em outros mitos, o encontro de Zeus e Lâmia não resultou em estupro, mas na atração e no desejo entre dois seres poderosos. Esse fatídico encontro e seus vastos efeitos, incontáveis, caóticos e divinos, não escaparam à atenção de Hera, guardiã da fidelidade, dos juramentos e da palavra dada. Desafiadora das incoerências e dos excessos, Hera puniu Lâmia, tirando-lhe os filhos.

A dor de Lâmia por ser privada do que lhe era mais precioso foi tão dilacerante que ela perdeu a si mesma e se transformou em um monstro, metade mulher, metade serpente. Vazia e torturada pelo luto, foi tomada de fome e sede insaciáveis. Durante a noite, ela passou a se esgueirar sobre berços e devorar as crianças dos mortais, que passaram a vê-la com terror. Durante o dia, metamorfoseava-se em mulher de beleza implacável, seduzindo e cravando seus dentes de cobra em homens jovens, devorando sua carne e sugando sua vida por completo, pois seu sangue “era fresco e puro”. Nos contos das mães e das cuidadoras gregas, a poderosa rainha, sufocada pela perda, havia se convertido em um bicho-papão. Ai da criança que não se comportasse direito, pois Lâmia poderia visitá-la na calada da noite e levá-la para sempre. A representação de Lâmia como bicho-papão continuou até a Idade Média, e mesmo no folclore grego contemporâneo, onde se diz de uma criança que falece repentinamente que ela foi “estrangulada por Lâmia”.



No entanto, como costuma acontecer, a punição de Hera trazia em si mesma portais para profundos mistérios. Metade serpente, Lâmia conheceu a sabedoria daquele animal, e seus olhos – eternamente abertos - viam muito, muito longe. Passado, presente e futuro eram livros abertos para ela, verdades para as quais ela jamais seria cega. E como por vezes a verdade dói, Lâmia passava noites e noites em claro. Assim, também foi concedido a ela o dom de remover seus próprios olhos, que ela guardava em um jarro durante períodos de descanso. O que era visto, porém, jamais poderia ser esquecido, e o que era aprendido permanecia com ela para sempre. Não por acaso, do encontro entre Lâmia e Zeus nasceu uma filha: a Sibila líbia do oráculo do Oásis de Siwa, cujas sucessoras foram consultadas por Alexandre o Grande antes de sua conquista do Egito. Em outras versões do mito, ela teve uma filha com Apolo, que se dedicou a Delfos. A mesma Deusa monstruosa que roubava crianças durante a noite era, portanto, profundamente ligada aos oráculos da antiguidade, de Delfos à Ásia Menor, que a honravam por seu poder divinatório. Por seu parentesco com as sibilas, Lâmia era também equiparada a Hecate, à magia e à bruxaria.

No nosso afã de compreender o sagrado, muitas vezes simplificamos e estereotipamos as Deusas. Dizemos que Afrodite é a Deusa do amor romântico, e que Kali é uma Deusa sombria. Mas divindades são complexas e gigantescas, nunca se atendo a um simples atributo ou uma interpretação. Seus mitos são meros vislumbres de como nós, seres humanos, percebemos o infinito inefável, na busca do sagrado que parece ser uma necessidade de nossa espécie desde seu alvorecer. As Deusas e suas lendas percorrem civilizações e períodos históricos bem distintos, caindo no esquecimento e ressurgindo aqui e ali, tornando-se progressivamente complexas e vibrantes aos nossos olhos, na medida em que procuramos compreendê-las com as limitações de nossas existências únicas, brilhantes e efêmeras. Cada ser humano é como um pequeno peixinho, nadando, respirando e absorvendo um mar de realidade divina que mal pode compreender. E, no entanto, tentamos e percebemos, quando estamos mais perto, quando algo nos soa Verdadeiro.

## Os caminhos de Lâmia

Uma característica muito comum das Deusas e de seus mitos é que, independentemente da versão contada, da mentalidade de um povo antigo e de nossa própria percepção contemporânea, elas nos trazem avisos e sugerem direções. Na superfície, a história de Lâmia poderia ser mais um conto patriarcal sobre colocar mulheres poderosas “no seu devido lugar”. E isso também seria verdade – na Antiguidade, são inúmeros os mitos sobre Deusas serpentes e Deusas dragões subjugadas por um Deus masculino, incorporando na própria tradição oral as mudanças religiosas que ocorriam naquelas sociedades. Lâmia é, no entanto, maior do que isso. A história da mulher que perde seus filhos e, perdida em sua dor, passa a devorar os filhos de outras mulheres, traz um sagrado e valioso aviso para nós, que hoje é reproduzido nos memes de internet: “Não te tornes aquilo que te feriu.”

Não por acaso, o que é tomado de Lâmia é sua própria criação. Essa criação-criança pode ser literal, mas pode também ser nossa inocência, nossa capacidade de renovar e de regenerar. Perdida em sua dor, Lâmia se torna obsessiva e estéril, reproduzindo ao seu redor o exato comportamento que lhe dói mais, matando as criações de outras mulheres, sem dó ou autorreflexão.

Soa familiar? Quantas vezes reproduzimos em nós mesmas e transferimos às nossas irmãs aquilo que mais nos machuca, a dúvida plantada, o desamor insuportável, a incompreensão, a intolerância? Talvez este seja o único comportamento que aprendemos em nossa infância. Talvez tenham faltado modelos mais positivos no nosso desenvolvimento. O resultado, porém, são mais crianças perdidas, mais livros inacabados, jardins abandonados, projetos descartados, esterilidade. Nossas criações – pessoais e coletivas – são devoradas por um anseio sem fim, uma sensação de falta que nunca é preenchida. Em nosso próprio âmago, em nossa família ou em nossos círculos sagrados, aquilo que era belo, que era fértil, torna-se um bicho-papão. Esquecemos de nós mesmas e nos tornamos energia bloqueada, fome insaciável, vazio que procura obsessivamente preencher-se nos lugares errados e nas relações sem futuro.

Mas a história de Lâmia também traz sua própria solução. Metade mulher, metade serpente, símbolo antigo da cura, da sabedoria e do sagrado feminino, Lâmia é também associada à Medusa, que por sua vez é associada a Athena, cujo saber era honrado por Deuses e mortais. Lâmia tudo vê, pois reconhece no mundo seu próprio sofrimento. Ela representa um arquétipo muito poderoso e importante no nosso mundo: a curandeira ferida. Assim como essa Deusa, todas nós podemos passar por momentos de grande dor, mas a forma como reagimos a eles faz toda a diferença. Podemos reproduzir esse comportamento no mundo à nossa volta e aumentar a destruição, ou podemos, deliberadamente e conscientemente, usar a sabedoria adquirida de forma amorosa e empática, auxiliando nossas irmãs com nosso exemplo e nossa experiência. Sibilas são, afinal, grandes conselheiras.

*Lâmia tudo vê, pois reconhece no mundo seu próprio sofrimento. Ela representa um arquétipo muito poderoso e importante no nosso mundo: a curandeira ferida.*

Lâmia também é associada a Hecate e à bruxaria, seu poder é antigo e misterioso, sua morada são profundas cavernas desconhecidas pelos seres humanos. Sua casa é, assim, o próprio submundo. Em certas versões do mito, ela é filha de Poseidon e igualada aos tubarões, animal que também nos leva ao profundo, ao desconhecido e ao inconsciente. Como os tubarões, Lâmia não fecha os olhos: está ciente do que se passa lá no fundo de si mesma. Mas Lâmia também sabe “dar um tempo”. Quando tudo é demais, ela põe seus olhos no jarro e vai descansar, voltando de sua caverna renovada.

Dotada do poder da paixão e da metamorfose, Lâmia também acompanha as mulheres sedutoras e independentes, e a cultura judaico-cristã não deixou de notar suas semelhanças com Lilith. Por vezes, seu corpo de serpente é descrito como belo e fascinante, e suas escamas como joias preciosas. Foi assim que o poeta John Keats a descreveu em seu poema Lamia. Sua estranha beleza foge aos padrões impostos e nem por isso deixa de ser completamente irresistível.

## Mulheres, afinal

Desejo, perda, profecia, magia, sedução e morte – Lâmia incorpora facilmente os atributos temidos por uma sociedade que rejeitou o feminino e o demoniza. Mas tudo que tememos retorna das cavernas do esquecimento em múltiplas metamorfoses para nos seduzir.

Para nós, sacerdotisas da Deusa, que temos o ventre na terra e o nariz nas folhagens, não há como fechar os olhos, não há como fingir desconhecer a sabedoria e o poder da Deusa serpente. Percebemos que já está na hora de honrá-la, de recuperar sua ampla visão e sua impressionante fertilidade e – quando tudo se torna demais – aprendemos também como deixar nossos olhos descansar no jarrinho...

As bonecas têm um papel importante na construção do nosso ser mulher, sinto eu. Em um nível muito profundo, livre de toda influência de uma construção social de gênero, elas são mágicas, fortes e amorosas, verdadeiros amuletos, porta de acesso à intuição e ligação com o sagrado.

A primeira boneca ganhei no meu primeiro dia de vida. Lembro de minha mãe contar que meu irmão chegou todo sujo e cheio de carrapichos por ter atravessado de uma cidade para outra. Ele havia se perdido, mas encontrou uma flor e a levou para mim. Essa boneca me acompanhou por muitos anos e ainda hoje a tenho. Era um bebê com a bundinha toda furada onde eu fazia minhas experiências no brincar de médica. Experimentei com ela o cuidado, o amor do meu pai, do meu irmão, das minhas primas com as quais dividi as histórias dessa bonequinha.

Antes de adentrar a adolescência, minhas primas ganhavam bonecas mais caras que as minhas e eu experimentava o preconceito. Isso foi silenciosamente dolorido, eu me sentia reduzida ao que tinha. Sentia-me excluída. Como pode ser? Uma boneca que nos unia também nos separava muito.

Mais tarde vieram as Barbies. Essas bonecas me causaram muita confusão. Aos sábados, minha mãe saía para fazer feira, e mesmo com muita dificuldade financeira ela fazia questão de comprar uma Barbie falsificada para mim... A expectativa de ver minha mãe chegar com a cobiçada boneca era bem grande. Assim, aos poucos montei minha coleção de Barbies. Mais uma vez o capitalismo sapateou com tudo em cima de mim. Dessa vez eu era procurada por ter uma imensa coleção dessas bonecas exageradamente adultas. Lembro que as brincadeiras não eram tão saudáveis e trouxeram muita confusão sobre os garotos. Eu tinha admiração por aquela boneca, sempre tão linda, tão maquiada, corpo de beleza europeia. Tinha seios fartos, cintura fina, quadril avantajado e um namorado lindo: o Ken. Ele fazia parte da minha coleção, mas não era apenas um boneco, era o homem, namorado, amante. Eu reproduzia as relações adultas com esses bonecos e isso exaltava minha sexualidade que estava sendo construída. Sim, eu brincava de sexo entre eles sem ao menos saber o que era isso. Porque aquela boneca aflorava minha sexualidade. Eu queria ser igual a ela, mas eu era apenas uma criança. Sentia inveja porque ela podia beijar o Ken. Brincava que eu mesma era a Barbie que beijava o boneco. A dualidade era: presenteada com uma boneca que já vinha com um parceiro, eu mesma não podia ter um parceiro, e a sexualidade nessa brincadeira atravessava o momento menina de ser. A questão era: por que me presenteiam com uma boneca impregnada com uma vida adulta, sendo que eu era uma criança? Era assim a estimulação dessa dualidade na vida das garotas da minha idade, e creio que ainda seja.

Minha mãe é uma mãe super protetora, daquelas que doam a vida aos filhos. Costurava minhas roupas, fazia tapetes, bordava, e nesse bolo de manualidades ela fez uma boneca de pano para mim. Uau, uma boneca do meu tamanho, feita por minha própria mãe!!! Quanta alegria foi ver minha mãe costurando essa boneca e ao final me entregar aquele ser dotado de sentimentos que carregava uma energia tão amorosa. Como era linda aquela horrorosa boneca. De aparência tão “feia” e grande potencial. Essa boneca era para mim um refúgio, era leve, suave.

No entanto, eu a vi queimar! Meu irmão a amarrou num poste para “malhar o Judas” e eu presenciei tudo. Os amigos dele estavam ali batendo e queimando a boneca mais especial que já tive na vida. Por fora, eu vibrava pelo serviço que meu irmão fazia, bem feito Judas! Era pura inocência, manipulada pelo estímulo à vingança que aprendi nas igrejas. Por dentro, eu oscilava entre a tristeza e falta de força imposta pela religião, afinal eu havia estudado na igreja que deveríamos queimar uma representação do Judas, e por que não seria a boneca sem sentido da irmãzinha mais nova, ela nem deve ter tantos sentimentos assim por essa boneca. Ahhh... quanta saudade eu tenho dela. Com certeza, a boneca mais especial que passou por mim, sinto até hoje a energia dela no meu coração.

Há cinco anos, depois uma crise profunda de depressão, eu quis experimentar todas as técnicas possíveis de artesanato. Encantei-me com papel machê e fiz algumas bonecas, depois veio a hora de fazer um curso com quem fazia profissionalmente essas bonecas. Um mundo de amor, de criação e auto-re-CRIAÇÃO. Fiquei ENCANTADA! Minha mestra tinha um poder tão divino, suas bonecas, ao meu ver, eram a pura história contada poeticamente. Passei a produzir várias e até conduzir oficinas.

Tempos depois, eu seria mãe. A avó do pai do meu filho, uma senhora muito forte, refrescou em mim a memória e o poder das bonecas. Como viúva, Dona Helena criou todos os filhos com a renda vinda da confecção de bonecas feitas de estopa de milho. Ainda podemos ver na Feira da Torre os modelos reproduzidos por sua prima que hoje também se beneficia desse fazer manual. Quando ainda gestava, ganhei de presente uma Frida Kahlo de pano no dia do meu aniversário. Ela representa um grande momento da minha vida, no qual assumi minha necessidade de explorar meu potencial criativo e a paixão por fazer artesanato que carregou desde muito nova. Depois a Frida virou uma companheira para meu filho. E quando ele completou 4 meses, eu fiz para ele uma boneca, era uma lebre. Pude viver o outro lado da relação com a boneca, o lado que minha mãe viveu ao fazer a minha boneca “Judas”: a doação ao meu filho.

Hoje, o resgate da minha espiritualidade e do meu potencial criativo é alimentado pelas bonecas que crio. Acredito muito na importância da boneca em nossas vidas e sou grata pelo dia em que parei tudo e pude rever essa jornada no mundo das bonecas, pois vi que nelas existe um grande potencial de conexão com nossas mais profundas alegrias, medos, memórias, e também a possibilidade de reconstruir nosso ser-mulher diante de tantas imposições do mundo patriarcal. Hoje vejo o lado luz das bonecas, o lado criativo, intuitivo, amoroso, até ritualístico (de encher as bonecas de ervas, de rezos, de pedidos, de conexão) principalmente das bonecas construídas por nós, nossas mães, nossas irmãs de sangue ou da Terra. Encontrei-me menina, mulher, luz e sombra na brincadeira e na confecção de bonecas e quero recriar em mim o verdadeiro significado delas: o amor, a ludicidade, a espiritualidade, a intuição e a força. Com certeza, as bonecas me fizeram desenvolver espiritualmente e reconhecer minha própria força na construção do meu ser e em minhas relações.

Sou Tânia, filha de Neusa, neta de Maria Salomé e Maria Queiroz, artesã - e assim falei.

# Generalidades sobre Conchas\*

por Mirella Faur

As conchas fazem parte dos processos evolutivos naturais do planeta. Ao longo de milhões de anos elas têm se modificado e evoluído de várias maneiras. Desde os tempos mais antigos as conchas foram usadas pela humanidade como recipientes, utensílios de cozinha, ferramentas, adornos, dinheiro, objetos mágicos, ritualísticos e curativos.

Por viverem próximo ao mar, sintonizados com o som das ondas e as marés, os homens primitivos consideravam as conchas como presentes das Divindades do Mar e as usavam para sua proteção e cura.

Neste momento do ressurgimento da energia da Deusa e do realinhamento da humanidade com os ritmos, forças e elementos da natureza, o uso das conchas pode beneficiar as pessoas, equilibrando as polaridades feminina e masculina.

Como aspectos palpáveis da energia da Deusa as conchas podem se tornar nossas parceiras para trazer harmonia e suavidade para a nossa vida.

As conchas constituem uma maravilhosa fonte de energia calmante, retirando a tensão e o estresse do corpo. Elas contêm em si a energia poderosa porém sutil da água dos oceanos que banham o nosso planeta e podem nos ajudar a recriar a harmonia em nossas mentes e nossos corpos.

O seu padrão energético sugere movimento e fluidez, por isso elas relembram às nossas células como retornar ao nosso ritmo natural, desbloqueando a energia estagnada. O estresse tensiona o nosso corpo, restringindo o movimento celular. Através do relaxamento o fluxo energético volta à normalidade. Quanto mais demorado o estado de tensão, mais difícil torna-se para o corpo lembrar o seu estado natural.

Os oceanos cobrem 70 a 80% da superfície do planeta; nossos corpos físicos são constituídos de 70 a 80% de água. Por isso sofremos uma enorme influência do elemento Água e as conchas podem atuar como catalisadores para que o nosso corpo retorne ao seu fluxo natural, semelhante ao do oceano.



Há vários tipos de energia irradiada pelas conchas de acordo com seu formato. A "energia radiante" é emitida pelas conchas dos mexilhões, vieiras, ameijoas, ostras, berbigão, lapas, corais, ou seja, as variedades que tem linhas ou arestas irradiando do centro e as conchas bivalves. Este tipo é usado para remover bloqueios energéticos e aumentar o fluxo de energia.

A "energia espiralada" é emitida pelos búzios, múrice, gastrópodes, tritons, caramujos etc, ou seja, as variedades que são retorcidas ou enroladas ao redor de um centro em um padrão espiralado. A direção da espiral é importante para a finalidade. Para produzir modificações usa-se o sentido anti-horário, mas se quiser aumentar o fluxo de energia focaliza-se o sentido horário. O sentido da espiral é percebido pela posição em que se olha a concha segurando-a pela ponta ou pela base.

Antes de começar a usar uma concha é necessário estabelecer um contato com seu padrão energético. Segure a concha olhando-a sem focalizá-la (o assim chamado "olhar macio"). Tome algumas inspirações profundas e permita a formação de imagens ou ideias em sua tela mental. Comece a se comunicar com o ser elemental que reside na concha, fazendo-lhe perguntas e pedindo-lhe orientações sobre as modalidades de uso.

A chave para estabelecer esse contato é a abertura e a receptividade interior, confiando nos laços energéticos que existem entre todos os seres, independente do seu reino ou nível de consciência.

*\* artigo publicado originalmente no Almanaque Mágico 1997  
Ed. Forças Ocultas*

## Próximos rituais

Plenilúnio: Celebração da Deusa Hatshepsut  
27 de julho (sexta-feira) às 20h  
Só para mulheres

Celebração de Lammas: Festival da Colheita  
1º de agosto (quarta-feira) às 20h  
Aberto a mulheres e homens

## Deusa Viva

Um informativo do Círculo de Mulheres Teia de Thea

### Expediente

Edição: Andrea Boni  
Diagramação: Cynthia Sims  
Textos: Nyx, Tânia Queiroz, Mirella Faur  
Imagens: Internet  
Informações:  
[www.teiadethea.org](http://www.teiadethea.org)  
(61) 98233-7949  
[teiadethea@teiadethea.org](mailto:teiadethea@teiadethea.org)  
[deusaviva@teiadethea.org](mailto:deusaviva@teiadethea.org)